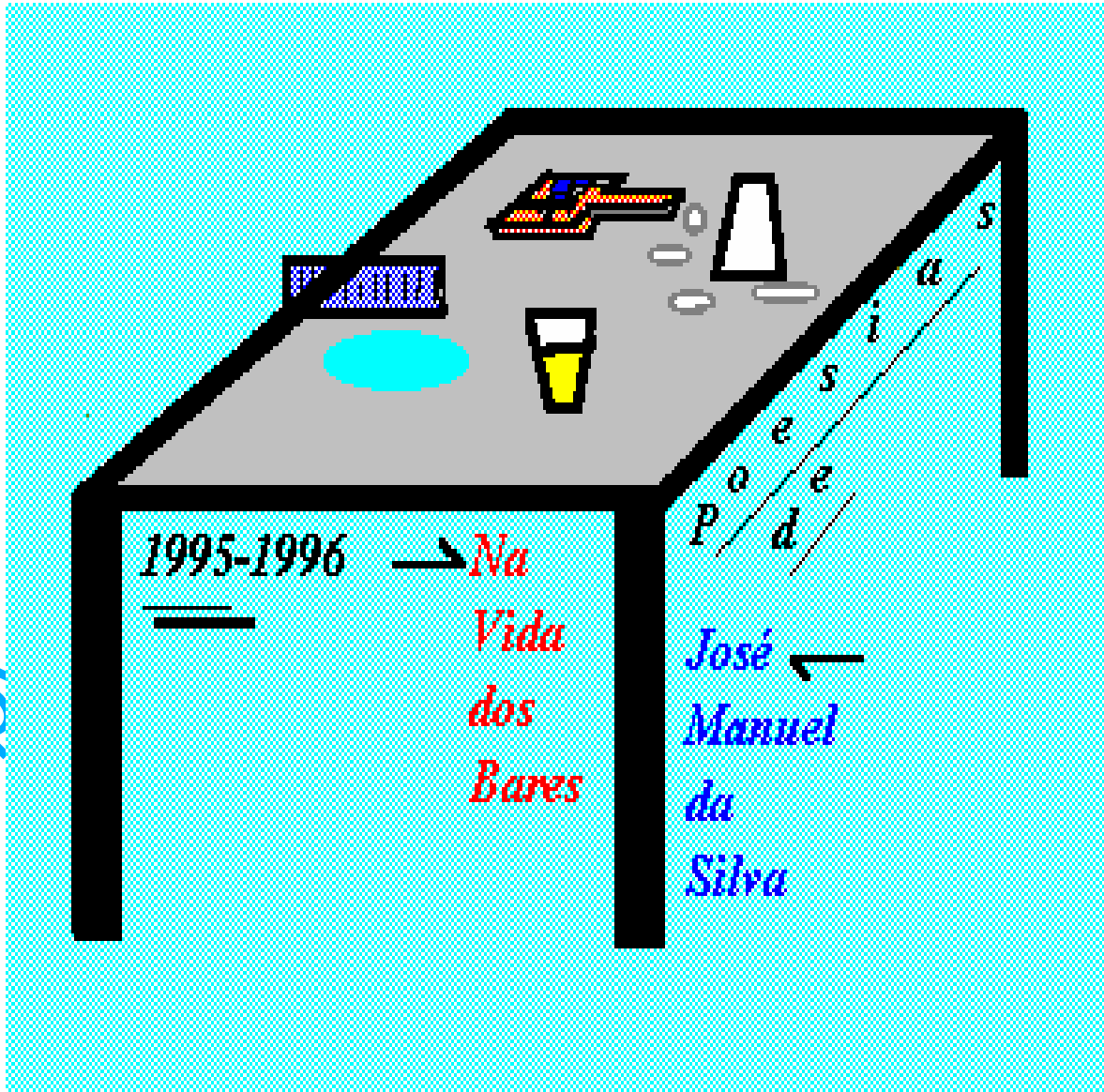


Copy



# na vida dos bares

poesias  
de  
José Manuel da Silva

1995-1996

Copyright



## ÍNDICE

FRIANÁLISE .....	4
Desde la ventana de la universidad .....	5
CURTÓLOGOS .....	6
A jovem das pernas morenas da aula de literatura .....	7
CENAS DE BAR .....	8
de tudo um pouco .....	10
Um homero de plantão .....	12
! .....	14
três momentos com o príncipe da arábia .....	15
PEQUENO RESUMO DE VIAGEM .....	17
A RUA .....	19
CONFISSÕES À LUZ DE UMA VELA INEXISTENTE .....	22
DEPOIS DO TERCEIRO COPO .....	24
SONHO PASSAGEIRO .....	25
Respingos de pensar em papel de mesa de bar .....	27
DIANA .....	29
PROVERBIAL E ABISSAL .....	30
<u>aLterNÂncIas</u> .....	31
SAMBA .....	32
FIM .....	33
REFERÊNCIAS .....	34
DROPLETS .....	36
SONETO ÀS AVESSAS DO AMOR ABSURDO .....	39
NACOS DE PSEUDOPOESIA .....	40
Uma Linda Mulher .....	44
Enquanto espero o fogo .....	47
Ainda uma loucura .....	48
Sentido Mudo .....	50
Ode aos Impressionistas .....	51
A lágrima do vinho e da poesia .....	52
FEMINAE .....	53
AMORES .....	54
Saia justa .....	55
Medo infundado .....	56
CARPE VITAM .....	57
Me permita... ..	59
Trechos de um grande poema .....	60

## FRIANÁLISE

Somente o angustiado  
Compreendeu e viveu  
Razoavelmente,  
A essência da vida  
Aquele que conhece  
Profundamente  
É  
Definitivamente  
Um suicida.

Quem vive muito bem  
Despreocupado  
Realizado  
É  
No fundo  
Um grande  
Irremediável  
Conformado  
O verdadeiro  
Derrotado.

*Rio, 1995.*

Copyright

Desde la ventana de la universidad

A favela me espreita com luzes tremulantes  
Cada uma um coração desnudo  
Que o deus resolveu abandonar  
Meus olhos não a veem na impotência do consenso  
Na verdade eu não sou nem o que eu penso.

A favela só existe no estupro da doutora  
O povo com certeza não é bem o povo  
Ora uma urna eleitoral, ora uma urna funerária  
Os olhos, do alto, ficam cegos  
No fundo de pavor da crua e nua realidade.

A favela é um poço de ironia  
A tese do antropólogo e o soco na escritura  
As luzes são olhos brilhantes sonhadores  
Que piscam na certeza da incerteza  
E no cansaço da irremediável impossibilidade.

A favela é a verdade despida  
A desculpa arguta  
De um governo hijo de puta.

*Rio, 1995.*

Copyright

CURTÓLOGOS

Sempre estou  
Nunca sou  
Só vou

Coração  
Tensão  
Rendição

Procuro  
No escuro  
A cara no muro

Cortei  
Açoitei  
Matei

Doeu  
Correu  
Sofreu

E aí?  
Senti  
Caí

A hora  
O agora  
A demora

Que tudo isso é uma festa  
Bastante indigesta  
E funesta.

*Rio, 1995.*

Copyright

## A jovem das pernas morenas da aula de literatura

Tento decifrar a matemática literária intuitivamente sugerida a mim por suas pernas lisas e morenas  
Uma equação irresolúvel  
A conta redonda do impossível  
Gostaria de ir ao centro da raiz  
Meu y em seu x  
No ponto equidistante dos pelos louros que reluzem  
Minha surpresa se ressentida da emoção  
Imagino estas coxas divididas em um par  
E no ímpar agitado de meu sexo, calcular  
A soma do meu prazer no gozo seu  
Dentro de você a minha morte  
E essas pernas morenas,  
Gostasas,  
Brilhosas,  
Me sufocam muito forte.

Perdoe a verdade crua e abjeta de meus versos  
Mas se não posso compor uma canção  
Ou fazer você de novo em escultura  
Me inspire em vaga e pobre literatura  
E homenageio sua beleza esbelta em diabrura.

Sinta-se mordida, lambida e afagada  
Pelo suspiro ofegante de meu êxtase abstrato  
Sua presença é a excitação de meu desejo  
No fim da aula a memória diáfana  
Da inexistência de um lascivo e eterno beijo.

E olhe que eu não falei da alça caída de seu vestido...

*Rio, 1995.*

CENAS DE BAR

Todas as mulheres se foram  
Digo,  
As disponíveis  
Digo,  
As comestíveis  
Ou seja  
As bucetas  
Que são o tema deste  
Poema.  
Digo,  
O amor  
Que no fundo  
É uma buceta com teor.

\*

No fundo  
E não me deixam mentir  
As frequentadoras deste bar  
No cu do mundo  
Filosófico  
Tudo na vida se resume no sexo  
Imagino a buceta  
Desta menina em frente  
Com cinco homens ao redor  
Solitária  
La buccette d'or.

\*

Os casais  
Os garçons  
Os gerentes  
E os cheques sem fundos  
A saudade  
A solidão  
De uma cuba  
Com a devida  
Sofreguidão.

\*

Deixo em aberto  
A solução do problema  
Profundo demais.

\*



Tudo, na verdade,  
 É um coçar,  
 É um sentir,  
 É um roçar,  
 É um tremer  
 O homem e a mulher  
 Um pensamento em uníssono  
 A busca do prazer  
 Traduzida em foder.

\*

A buceta e o resto  
 Eu que penso e não presto.

\*

Olho essa gente  
 Carente  
 (porque quem bebe  
 repete)  
 E sou de mim a agrura  
 De vossa vã literatura  
 Que sofre...

\*

No fim não reduzo a opinião  
 A buceta é o sim e o não  
 Tudo gira tudo é desejo  
 É o momento, é o ensejo  
 É a bebida  
 É o som da voz da mulher  
 Sensual  
 O lambar do sorvete, a colher  
 O tesão  
 A punheta  
 Se der.

\*

Peço a conta  
 Frustrado e contente  
 Vou pra casa  
 Assustado e demente.

\*

Bebo sozinho  
 E filosofo no bar  
 Comigo mesmo  
 Num pensar sem pensar.

de tudo um pouco

Nunca recebi flores.  
Mas de que serviriam elas  
Se eu não sei rezar?  
As luzes excitam  
Os ruídos irritam  
E no mais somos todos iguais.

Um dia está frio  
Outro está quente.

Há mulheres que mentem  
Enquanto outras só sentem  
O frio da espinha me basta  
Do amor a cólica nefasta  
O cenário do mundo me assusta  
Os pensamentos que tenho também.

Num dia quero ser rei do mundo  
No outro morrer e sofrer.

Ah Liszt que tanto sofreste  
Ah Mozart que não te benzeste  
Beethoven que se o mundo ouvisse  
Não deixaria que Grieg partisse.

Jamais me lerão as palavras  
Jamais me ouvirão os sinais.

Há seres que fazem sucesso  
Outros que levam vidas normais  
Alguns só fazem progresso  
Outros os invejam atrás  
Queria ser o inventor de um lúdico-poema-verdade  
E exercitar  
A dos outros curiosidade  
Das mulheres a concupiscência  
Dos homens a incoerência  
Tenho muito a dizer alma minha  
Ainda  
Pois a alma só vive sozinha.

O homem é um escravo da vida  
Mas a mulher já curou a ferida.

Ah criança!  
Que amor me desvelas  
Teus cabelos louros  
E os sonhos tão leves.

E o relógio bate  
E a vida passa  
E o desejo expira  
Porque ninguém é de ferro, ô babaca.

*Rio, 1995.*

Copyright

Um homero de plantão*(para Nelson Rodrigues)*

Todos os olhos me olham  
E eu olho para todos  
Sem discriminação  
Sem perdão, uma verdadeira ebulição  
De ideias que vêm e que vão em assustadora sucessão

São desejos fugazes que não fazem verão  
Pensamentos audazes que me cobram posição  
Enquanto a vida passa sem me perguntar se deve  
As vontades se assenhoreiam  
De uma mente já meio embotada  
Uma espécie de vinagre astral  
No componente espiritual  
Pois é o que se ouve na mesa ao lado  
O bufão intelectual da razão do pecado

Na verdade  
O que eu queria dizer,  
Nelson,  
É que passa *tudo* e vai embora,  
Chico,  
E a gente só sente o depois da emoção

Passa a puta porta afora  
Veio mijar pra fingir que se excita  
Senta o barbudo com ar de petista  
Com a morena e o jornal pra fingir que medita  
Grita o delegado com o revólver na cinta  
Com a família pra não dar na pinta  
A noite cai e publica suas criaturas  
A fala mole e o cansaço de servir  
O milésimo freguês já de porre  
Que vai encontrar o erro fatal na fatura  
E a mulher que me falta terá de ser impura

E deus então abandona a praça  
Que algum poeta se lhe ache graça  
Com rima pobre ou com rima rica  
Com emoção mas sem a dor que fica

Pois haverá sempre um homero de plantão  
Para narrar os fatos que fazem a vida vida  
Seja cantando ou falando  
Seja sentindo ou pensando

A moça da mesa à frente  
Já cruzou as pernas de novo  
Na certeza de que o rapaz lhe apraz  
E os demais se amoldam ao que os trouxe aqui  
Uma paródia grosseira  
Do meninos eu vi.

*Rio, 1995.*

Copyright

!

Os pais se divertem no sexo  
Enquanto a criança cresce  
Incoerência da humanidade  
Ou mera inexistência de prece...  
Ou mera diferença de idade...

*Rio, 1995.*

Copyright

três momentos com o príncipe da arábia

nosso amor é a culinária perfeita  
 a dose exata dos elementos  
 o amargor em doce alento  
 te quero toda pois te quero em ti  
 nos envolvemos e eu nem senti

a vida é curta  
 e a vida é breve  
 o amor condena  
 o gozo prescreve

se meu coração fosse uma poça d'água  
 tu serias o inaudito pé  
 que diz axé

quanta besteira  
 no coração de quem ama  
 que fêmea matreira  
 que me reclama

\*

i have a very unstable relationship with life  
 it kills me slowly, and i don't care  
 it soaks my brain, in terms of alcohol,  
 time is a train that's headed nowhere

So what's the trick Mr. President?  
 I'm giving vent to my  
 unfavorableness

whatever that means, i'm out  
 the frozen ship  
 the salty dip

when i'm sober  
 i can't relate  
 when things get worse  
 I can debate

\*

lembro da stella  
que coisa boa  
que mulher forte  
que coisa boa  
e a alice  
que mulher útil  
pena que eu era  
um homem tão fútil  
a doce marcia  
a tão primeira  
ah que saudade  
teu corpo cheira  
e sonia então  
a minha vida  
nunca tão triste  
uma partida  
e minha vera  
meu caso sério  
não estarmos juntos  
um despautério  
e tu Augusta  
indecifrável  
tudo em nós haure  
o incontestável  
e tantas outras  
de toda sorte  
eu mesmo impus  
a minha morte

o sexo  
atormenta  
o amor  
desorienta  
o sexo  
atormenta  
o amor  
desorienta  
o sexo  
atormenta  
o amor  
desorienta  
o sexo  
atormenta  
o amor  
desorienta  
o sexo  
atormenta  
o amor  
desorienta  
o sexo  
atormenta  
o amor  
desorienta

*Rio, 1995.*



PEQUENO RESUMO DE VIAGEM

É que se me quedo um pouco triste com a vida  
Como sempre  
Alguns pensamentos abstratos  
Eufóricos, sensuais, utópicos ou anormais  
Como sempre  
A vida se me chove um quê de maresia noturna  
Música variada, sons harmônicos  
Como nem sempre  
E a necessidade de não ir a lugar algum  
Mas não se pode ficar bêbado todo dia  
Como sempre  
Faz um pouco de frio  
As crianças brincavam e não brincam mais  
Como sempre  
A noite do Porto, as manhãs de Évora  
As catedrais assassinas de Toledo  
E os vinhos doces de Fernando Pessoa  
Entremeado tudo pelas artes de Paris  
Como sempre  
Os detalhes dos souvenirs  
E as preocupações do devenir  
Me esperam no fim do mundo  
Após a síndrome de tudo conhecer  
Infectado pelo vírus do cartão de crédito  
E a Espanha com seus astrais  
Ah Barcelona, que sonhei,  
Com as mulheres que não terei  
Os dias passam como as nuvens num céu inexistente  
E as noites chegam com seu bafo indolente  
Como sempre  
Na saudade do Além-Tejo a aridez de um coração solitário  
Que escreve linhas breves e insossas  
Como sempre  
As estátuas e os troféus  
As notícias e os pitéus  
O indefinir do amanhã  
Como sempre  
A necessidade inerente e passiva do voltar  
Como sempre  
As cidades se repetem e os olhos se ressentem  
As praças e as mulheres  
As linhas e os números  
São detalhes que não interessam a ninguém  
São pessoas que passam também  
Como sempre  
As línguas, os jornais, os interesses  
O sexo, a pintura, as retretes  
Os turistas se dividem entre as fotos e as comidas  
Os desejos convergem para as xoxotas e ermidas  
Como sempre

Os hotéis e as moedas  
Os invés e o peso do acompanhamento  
E tudo são imagens tão furtivas  
E todos são personagens tão contidas  
Como sempre  
A garçonete sexy do café  
O seio num vislumbre de decote  
Ah que ainda consigo me apaixonar  
Toda noite  
Como sempre  
E ainda consigo discordar  
Do mundo  
E optar  
Pelo fundo  
Como sempre  
As férias que se acabam  
Pensamentos que deságuam  
Em ritmos circulares de aventura presa  
E burguesa  
Como sempre  
Volto para o nada que em tudo deixei  
Acaba a sonhada noite inexistente que esperei  
Como sempre  
E em Portugal há portugueses  
E na França há franceses  
Na Espanha espanhóis  
E nos hotéis são os lençóis  
Que aglutinam os pensamentos  
Que apaziguam os sentimentos  
Como sempre  
Que bonita aquela igreja  
E tão charmosa a mulher  
O trem ligando o nada a lugar nenhum  
E eu entre o sábio e o bebum  
Como sempre  
As letras se ressentem de mãos hábeis  
As cidades de dinheiros e homens ágeis  
Como sempre  
O oceano, o rio e a montanha  
As reses, o forno e a gadanha  
E o carro e o navio  
E o rico e o gentio  
E o cheio e o vazio  
Como sempre

*Viana do Castelo, set/94.*

A RUA

*(sobre um quadro de Ieda Pinheiro, retratando Sta. Teresa)  
(rodeado pelas sonatas de Beethoven)*

A quem pertence esta rua?  
A quem a pintou  
Ou a quem por ela passou?

\*

Áurea rua de cores nuas  
Uma esquina simpática  
A calma aparente do vazio em tons nervosos  
Na intensidade desesperada do céu azul  
Os carros parados o terraço abandonado  
Viv'alma de fora  
Pessoas poucas que esperam cessar a chuva inexistente  
Como o poeta que espera terminar o acesso da inspiração que na verdade nunca vem  
As cadeiras sem gente  
Talvez porque se foi embora o último bêbado do lugar  
Deixando a garrafa pela metade  
Como a alma de quem tem arte e que na verdade nunca parte  
Para parte alguma  
As cores da vida convidam à não-vida da anestesia boêmia  
(mas o artista foi embora, no testemunho da garrafa largada, disparatadamente abandonada)

O que está escrito no céu nem sempre responde à objetividade da terra  
Mesmo perante a eterna suavidade-em-meio-a-impetuosos-arroubos de uma sonata de Beethoven  
Enquanto o luar da canção se reflete sem direção no amarelo da pintura  
E chora a imobilidade da rua  
Como chora a mulher que não quer ficar nua  
Como chora a palidez inconsciente e irremediável de um doente  
Como chora o poeta da voz inexistente  
Que para enganar-se a si mesmo pressente  
A irrealdade de pensamentos ilusoriamente supérfluos  
Visto que a arte é supérflua  
E a realidade enganosa  
Em qualquer sociedade que por definição é lodosa  
E um pouco maldosa  
Mas são as rimas do lugar-comum que despertam a humanidade  
Para a suicida existência morbidamente apagada do ser  
Em meio a sua luta para ser mais do que seu próprio haver  
Sem querer

\*

O artista não tem brios  
Tampouco escrúpulos  
Tem veleidades  
Em sua espontaneidade absurda

\*

A pintura se ressentida da música  
 Como a rua não subsiste sem o ruído  
 Dolorido  
 Pois a rua reflete o sentimento de quem por ela passa  
 Exausto de trabalho  
 Culpado de adultério  
 Acachapado pela morte  
 Inebriado de tanta alegria  
 Mas na rua do quadro não passa ninguém  
 Não há um porquê, e sim um porém  
 Só que ficaram nas tintas invisíveis ou nas entrelinhas do traço  
 As dores, mágoas e etéreas felicidades dos passantes que se foram

\*

A pintura absolutamente existencial seria toda branca  
 Como na mistura de todas as sensações humanas  
 Na verdade insanas

(porque é insano ser alegre em meio a tanta pobreza e destruição e porque é insano ser triste no seio de tanta pressão)

Por isso o artista pinta em cores distintas  
 Reproduzindo a incapacidade da perfeição tão simples do ser  
 Ser que se entrega  
 À bebida, ao amor, ao trabalho, e pior de tudo aos devaneios artísticos  
 A pintura é o grito de quem pinta  
 E a poesia é a lágrima de quem perdeu a tinta

\*

A tela exala os espectros rusticamente emoldurados por pinceladas um tanto errantes  
 Talvez como o medo do artista de dizer toda a verdade  
 De uma só vez  
 Talvez como a incapacidade do artista de retratar uma realidade no fundo vacilante  
 Total insensatez

A áurea rua está deserta  
 de espíritos coberta  
 dourado esmaecido – o absurdo  
 azul penetrante – o pesar de luto  
 vermelho desfigurado – o coração mudo

As cores se mesclam umas nas outras  
 Diluem-se de tom em tom  
 Num verdadeiro degradê da existência  
 Como o amor que se transforma em ódio com o passar do tempo  
 Em processo irretocavelmente lento  
 Uma irreversível obra de arte

E que sempre pintem os pintores  
Que componham os compositores  
Que admirem os estetas  
E que – acima de tudo – sofram  
De bom grado os poetas.

**O poeta é um sofredor  
Sofre tão conscientemente  
Que pinta a dor  
Que sente no membro dormente. (desculpe o verso à toa e mais uma vez obrigado, ó Pessoa)**

*Rio, 1995.*

Copyright

## CONFISSÕES À LUZ DE UMA VELA INEXISTENTE

São só sonhos  
 Aliterados  
 Em pensamentos  
 Ilustrados  
 A noite quente embala o som da vodca  
 Que alivia o desespero do ser perante a certeza  
 Inconfundível  
 De viver

Mas, meu filho,  
 Você é tão jovem  
 Tem a vida pela frente  
 E nunca nem ficou doente

Onde foi parar o aprendizado escolar  
 E a amizade pueril  
 (A rima vem tão óbvia  
 E a censura tão gentil...)  
 No coração da alma deve existir um paraíso  
 Tão preciso  
 Que a gramática se ressentiu das palavras insalubres  
 Onde o amargo da existência  
 São momentos de dança de salão  
 O corpo colado, o beijo molhado, o sexo rasgado

Mas, meu filho,  
 Deus é o nosso redentor  
 Ele redime os pecados  
 Do Lúcifer destruidor

O cristo me olha pelas costas como sempre  
 A ajuda invisível que não vem  
 Um mas sem o também  
 A grandeza microscópica da felicidade abandonada  
 Na pobreza caleidoscópica da amizade revogada  
 O sal da terra  
 A doce paixão  
 Da resplandecente escuridão

Mas, meu filho,  
 Nosso amor é tudo  
 É o cheio sem vazio  
 Mesmo no silêncio mudo

Devaneando em calamitosos pensamentos abstratos  
 O ser é narcisista  
 E ufanista  
 Pavoneado com sua pseudoabrangência escatológica  
 E as letras,  
 Essas volúveis,  
 Servem a qualquer senhor – desejos fúteis  
 Mercredi em alemão é sexta-feira  
 Nas estrepitosas mostras de saber  
 Na presunção fingida dos literatos de aluguel  
 – Maldita brancura do papel  
 Onde se imprime o casamento e o fel

Mas, meu filho,  
 É preciso sublimar essa pulsão  
 Engavetar o solilóquio  
 E o processo de autodestruição

Flui manso em sobressaltos o rio Lete do pensar  
 O rio tem contrastes  
 O ser humano tem desastres  
 Viver no fundo é o equilíbrio em bicicleta de uma roda  
 Sem freio na ribanceira do aproximar-se a morte  
 Sorrateira  
 E certa  
 E de que adianta lembrarmo-nos da morte  
 Se ela jamais rima com sorte?  
 No apagar das luzes dos prédios vicinais  
 Chega o sono anestésico que prepara o novo dia

Mas, meu filho,  
 Se você não resistir  
 O sono não alimenta  
 E você,  
 Com a alma em chamas,  
 Vai partir.

*Rio, 1995.*

DEPOIS DO TERCEIRO COPO

Vamos seguindo  
Na busca sem fim  
O tiro no escuro  
O som do jasmim  
E o teor que sem cor recomeça  
A história que se finda sem pressa  
O politicamente correto passou  
A nova ordem do mundo estourou

A vagina que fede  
E o homem que pede  
O prazer que impera  
Numa noite de espera

Você viaja no seu anjo da guarda  
Você viaja no seu lado espiritual  
Assim dizia a menina  
Gostosa demais  
Distante e sem gás  
Porque as uvas estão verdes...  
Na mesa do lado  
O assédio frustrado  
São preceitos religiosos  
Previstos nos desejos nervosos  
De uma meia-saia na coxa  
De uma libido frouxa  
Enquanto a mecha escarlate se impõe

O dia se acaba  
Em noite macabra  
Um suor mais matreiro  
Meu luar inzoneiro

E a pergunta se nunca responde.

•  
•

*Rio, 1995.*



SONHO PASSAGEIRO

Quero ter a liberdade  
De flertar sem minha mulher  
Sem traí-la  
Para senti-la  
Melhor.  
Pois o amor verdadeiro  
A gente sabe  
De cor.  
A mulher sente  
O que de longe  
Presente.  
O homem  
Egoísta  
Se trai  
No irreal da conquista  
Vã ou concreta  
Aludida e discreta.

E pra terminar  
Um toque de classe  
Ah, mulher,  
Se você me olhasse...

*Rio, 1996.*

Copyright

Respingos de pensar em papel de mesa de bar

De que adianta saber latim  
 Se não sei de mim?  
 Dissecar a poesia de Molière  
 E recitar o teorema de Pasteur?  
 Tudo o que a vida me expõe sem grande alarde  
 Tem um eco rasteiro em meu pensamento  
 Uma certa abstinência  
 Uma total incompetência  
 No frigir dos ovos da inconsistência  
 Mas não era isso o que eu queria dizer  
 Já fiz infeliz a tantos  
 Tantos mandos e desmandos  
 Que a pena do pensamento é até leve  
 Mediante este forçado direito de greve  
 De que me vale o tinteiro  
 Se não sou eu mesmo por inteiro?  
 Dependo para viver do gozo artístico de outrem  
 E mal soletro a primeira coisa que fiz ontem  
 Mas são só palavras  
 Que ninguém cantará  
 É só uma ressalva  
 De que não se lembrará  
 Um reles poeta cubaliberado que não tem lugar ao sol  
 Nem à lua  
 Que daria a vida  
 Agora  
 Por uma mulher cobiçada  
 Nua  
 Mas a fama  
 No fundo  
 É um dilema profundo  
 É uma estátua quebrada em essência aristotélica  
 Um parecer inoportuno de um pintor renascentista  
 O rococó da cultura em desprezo  
 Da medida o insopitável peso  
 E a rima insiste  
 Há tanto tempo...

De que adianta tudo isso  
 Se a essência tem permiso?  
 De que me valho se não curtem beethoven?  
 E no nordeste  
 As dores também se movem?  
 Analisem a linguística  
 E a pseudopossível estilística  
 No líquen da desgraça  
 No hímen da trapaça  
 Que o sexo importa, só,  
 Quando se abre a porta.

Meu último alento  
 Que ainda o tenho  
 É este momento  
 No ritmo panamenho  
 Já fui tanta gente nesta vida  
 Que me esqueci de afastar  
 O cálice da tentação  
 Que inibe  
 Que denigre  
 O deus da emoção

\*

E no auge da desgraça  
 Uma alegria assim astuta  
 Me enganou como uma puta  
 Mas as putas são delícia  
 Que se esmeram na carícia  
 Eu amo as putas  
 As putas verdadeiras  
 Aquelas que sentem por prazer  
 Aquelas que gozam por querer  
 (que as há)  
 O hedonismo esperto e oportuno da melhor do harém  
 Que satisfaz a quem não tem ninguém  
 Adoro as putas  
 E adoro as putas  
 Mas no fundo  
 Sou um mero espectador da vitória alheia  
 Da mocinha que, na curra, esperneia  
 A emoção é vida  
 Mas a vida não é sempre emoção  
 O animal humano padece  
 Se esquece  
 Se aquece  
 Na prece  
 E o artista é um possuído  
 Um ser traído  
 Pela existência que lhe prometeu as glórias  
 Pela ausência que lhe cria histórias  
 Os anjos também divagam na noite  
 Bêbados do terror de voltar ao jugo divino  
 À correção  
 À contenção  
 À anulação  
 Devem-se orgulhar os seres  
 De serem alheios à convenção  
 A arte é tudo, o resto é nada  
 Vivo pela arte de observar o mundo  
 Morro pela sorte de ferir profundo  
 Nos beirais da impotência humana  
 Talvez se encontre a coerência divina

Ah se uma mulher me aparecesse  
E me fodesse em minha boca aberta  
E me amasse em sua vida incerta  
Ainda que por um momento de esquecimento trágico  
Ainda que em devaneio de um desleixo mágico  
Que em mim pingasse do suor  
A gota da pura sabedoria  
(O mero contato com a carne um profundo ensinamento  
Que me faça sentir macho  
E que me obrigue a fazê-la mais mulher  
Por um segundo, não importa  
O segredo do sexo e do amor – a faca afiada que não corta)  
E ejaculasse poesia  
Sobre a minha pele espiritual  
Eu, que me recuso a ser mortal  
Eu, que em minha vaidade sem fim não tenho igual  
Como igual não tem ninguém  
Só quem jura, imbecil, amém  
A existência é pouca para o dizer de um poeta  
O tempo é nada para o que quer dizer a arte  
O computador jamais perceberá as nuances de um pensamento amavelmente absoluto  
– thank you chico!  
Seu puto  
Ele já nasceu de luto pela morte da iniciativa pensante  
Da arbitrariedade cantante  
Daria tudo pelo conhecimento do mundo  
Mas o dinheiro me falta  
E uma mulher alta  
Aliás, adoro as mulheres  
Trabalho com elas, durmo com elas, existo com elas  
Jamais viveria com elas  
Por medo de me igualar, por medo da simbiose  
Que é do pensamento a artrose  
A mulher é mais do que o homem  
Acredite quem quiser  
O homem mais masculino  
Só confia na mulher  
Pois do oposto se fez a verdade  
E a luz e a claridade  
No mais tudo é eterno  
Durante o inverno  
E a rima não me larga  
E a lágrima me embarga  
Que já não sei de mais porra nenhuma  
É tudo incoerência no meio da maledicência...  
Ai, que merda!  
Esqueci da hora do jantar.

DIANA

*(para a violoncelista da OSB)*

Preciso me tratar  
Há muito não chorava assim  
As lágrimas rolando partes de mim

E a música é tão linda  
Teu espírito deve estar por aqui  
Ou o que quer que seja  
Que queiram chamar-te a ti

E a celista louira

A harpa e a flauta num diálogo etéreo  
Se etéreo quer dizer divino,  
Numa outra esfera,  
As notas se aproximam  
Se combinam  
E se tocam de prazer umas às outras

Não é normal  
Tal música é celestial  
Meus ouvidos bebem o toque de dedos angelicais  
Da harpista bonita  
Do flautista hedonista

E me excita a celista louira  
Na frustrada investida auditiva do connaisseur  
No fundo  
Sou um verdadeiro,  
Exótico,  
Maldito e pervertido voyeur

Olho a música com o som dos cabelos  
Ouço a música com o cheiro do amor  
E tu, Mozart,  
A nos saudar  
Cândido e jocoso  
Cruel e saboroso  
Com o desejo da flauta dentro da harpa  
A busca incessante do prazer  
O encontro e o desencontro

Choro de beleza inaudita  
Que sexo algum aplaca  
Só a mente do artista  
Que conhece a beleza infinita.

PROVERBIAL  
E  
ABISSAL

Minha mente é um turbilhão  
Não consigo parar  
Vou explodir de tanto pensar

pensar é bom  
pensar é ruim  
é o mundo todo  
dentro de mim

O pensamento parece uma mulher boa  
Que eu como em um segundo  
Quando começo a pensar  
A minha casa é uma caixa craniana  
Una casa sin ventana  
Qu'inda vai me machucar

e o interminável  
é abominável  
expressão dolorida  
do indissociável

Que o poema resiste  
Enquanto a dor  
DA VIDA  
Persiste.

*Rio, 1996.*

ALTERNÂNCIAS

poesias  
de  
**José Manuel da Silva**

*1996 - 1997*

COPY

a L t e r N Â n c I a sSAMBA

Um samba em palavras  
Foi o que deu, agora, a música de minh'alma  
Uma melodia simples  
Que é pra manter a calma  
A alma é branca e negra  
E aí começa a divagar  
Isquidum dum dum.

*Rio, 1996.*

Copyright



FIM

Perdemos a rima do nosso amor  
Tua presença já não alivia a dor  
Da existência  
Da abstinência  
Da imprudência.

Perdemos o começo de nosso fim  
E fomos direto ao desgosto profundo  
Aquele odor de nojo do mundo  
Nosso amor é só melodia  
O ritmo se foi atravessado  
Enquanto pintamos um novo quadro

Ganhamos a tristeza de nós dois  
E um sentido presente do depois  
Aqui  
Por ti  
Senti.

*Rio, 1996.*

Copyright

REFERÊNCIAS

Meu prazer é te assanhar  
Te excitar  
Te enrisar  
A vida seria boa se pudesse vivê-la a você  
Queria te levar a um lugar  
Onde só existe um único momento eterno  
De prazer  
De conhecer  
De aprender  
De sofrer o infinito morrer que é o amor  
Sincero  
Desespero  
De não poder nadar no desaguar de uma paixão duplicitada  
Dificultada  
Somente pelo inexistir  
De um possível amor maior que o tempo eterno no inferno  
Maior que o inverno  
De ser sozinho  
Ou comezinho  
Quando o sexo invade o amor  
Com a mão faminta por baixo do teu vestido preto  
E o olhar se fecha perdido sem medo para o que sobra do mundo  
A convulsão chega a ter cheiro no espaço  
Em torno de quem se entrega a alguém  
E é só aí que a alma se desnuda  
Sem dúvida  
Obsequiada com o tormento atroz de prolongar o gozo  
Do esposo  
E no encanto  
O amor é tanto  
Que nunca acaba  
Minha dor é ter certeza  
Que tamanha beleza  
Com a obscena falta perdoável de pureza  
Não ocorre  
Para o ser que se morre  
Em poesia inescutável de amor e dor  
Sou no fundo  
A cassandra de um poetismo fecundo  
Sou na verdade  
Um sentimento de marota puberdade  
A mulher me inspira a sagacidade  
Mas me produz a veleidade  
A mulher que me ama despojada  
Me faz macho  
Eu acho  
O homem só se dá de vez a uma mulher  
Que o faz entender com um olhar que ela o quer

O homem mata por desejo  
A mulher morre por um beijo  
Daí a grande e insolúvel diferença  
Entre a busca e a entrega  
Entre o que esquece e o que se apega  
A procura incessante  
A afirmativa do querer  
E a loucura inebriante  
O sentido verdadeiro do prazer

Que filosofia, que nada  
Eu quero mesmo é ver você pelada...

*Rio, 1996.*

Copyright

DROPLETS

Fui lá e voltei  
Saí e fiquei.

→

Por aqui minha senhora  
Mas aqui é a rua  
E agora vamos embora.

→

A lista da blusa  
A mama reclusa  
O olho fatal  
O tesão infernal.

→

O mundo gira  
A página vira  
Quanta besteira...

→

O amor de óculos me sorriu  
O tesão de tédio me vestiu  
O prazer de tênis me hospedou  
O amém de saia me irritou  
De tanto procurar alguém  
Em tudo vi ninguém.

→

Por que pergunta o vento  
A ela  
Por que não nasceu cinderela  
Em vez de isabela?

→

Maldita seja  
Se comigo esteja  
E deus nos proteja!

→

Um eco  
Distante.  
Acabou.

→

Copyright

Um dia deus descerá à terra  
 Montado em seu anjo possante  
 E dirá gayatamente em braile  
 Que o céu já não é tão pavoneante.  
 E que o triunvirato fantasma dos ébrios mistificados já não é tão provocante.

→

O amanhã chegou.  
 E agora?

→

E por tudo isso, não há futuro que agüente tanta expectativa...

→

A moça entrou  
 E se calou  
 O ambiente sorriu  
 E se partiu.

→

Escrevo a lápis o meu amor por você  
 Pra apagar mais fácil  
 Se te perder.

→

Sempre misturo  
 O tu e o você  
 Talvez porque você  
 A rigor não seja tu  
 O que eu queria mesmo,  
 Bom, deixa pra lá.

→

Ih! A calcinha tá suja...

→

Nonsense barato  
 Teor exato  
 Teorizado  
 Alado.  
 Provocante  
 Em fado  
 Enfado  
 Em um instante  
 Ousado  
 Ou o bardo  
 Com sua alma  
 Falante.  
 →

A moça de chapéu  
 Meu desejo ao léu  
 Não vai dar boa coisa  
 Nem coisa boa  
 No mínimo  
 Uma trepada à toa.  
 →

Vozes e vozes e mais vozes  
 E vozes e vozes e vozes  
 E ainda vozes e vozes e mais vozes...  
 →

Tudo  
 Resto  
 De algo  
 Fundo  
 Vazio  
 Nada

•

*Rio, 1996.*

SONETO ÀS AVESSAS DO AMOR ABSURDO

Escrevo sobre o tesão do amor  
Que guardo em pureza pra você  
E você diz que é bobagem

Discorro pela margem da poesia  
Que é a essência da alma da mulher  
E você diz que é galinhagem

Se falo de sexo  
Pra você não tem o nexo  
Se te encosto a mão  
O meu desejo é em vão

Te sinto distante desde o início  
Numa tentativa de viver o idílio  
De ter você numa viagem

Melhor mesmo é esquecer de vez, então  
Quando falo eu perturbo o teu ar.  
Nosso encontro foi cupido de passagem.

*Rio, 1996.*

Copyright

NACOS DE PSEUDOPOESIA

a cama  
o cheiro  
de mofo

o delírio  
a vida  
em cores

a paz  
o ser  
vitais

desespero  
morrer  
jamais

→

O doce resseca o amargo  
Da existência  
En tu presencia.

→

Ai!  
Que eu lembrei  
Que amanhã é segunda-feira.

→

A vida escorre  
Pelos dedos da procura  
Do prazer  
Pingando desgosto  
Pelo chão.  
Pois então.

→

A  
Luz  
Não  
Ilumina  
Um  
Coração  
Calado.

→

Eu só queria um tempero baiano  
Na minha pobre vida amorosa  
Algo assim como um enxerto sacano  
No talo carinhoso de uma morena gostosa.

→

E vai  
E vem  
O porém.

→

Copyright



Ah, mas que rima imbecil  
 Meu amor,  
 De entediado,  
 Sumiu.

→

O troco  
 Do amor  
 É a falta  
 Que faz  
 O instante  
 O durante.

→

Que tal  
 Abolir  
 A escravatura  
 Do teu sexo em flor?

→

Aquela menina já deu  
 Aquela menina morreu  
 Alguém diferente nasceu.

→

O dia  
 Morre  
 No som  
 De um  
 Jogo  
 De futebol.

Que nojo!

→

Nosso calendário parou  
 Nossa bomba de tempo estourou  
 Nosso amor, parece, já secou  
 Mas valeu pelo que dele sobrou.

→

Adeus meu fado  
 Me mato  
 De sono outra vez  
 Pra renascer  
 Esgotado  
 Amanhã  
 Um poeta sagrado  
 Numa vida pagã.

→

Copyright

Amor esquisito esse teu  
 Que a meu corpo nunca se deu  
 Vou me rimando de bar em bar  
 Vou me encontrando de par em par  
 E no que te diz respeito  
 Dá-se um jeito.

→

O amor só nos leva  
 Esperando que alguém nos traga  
 Mas a comida fora da geladeira  
 Estraga...

→

O poeta vê  
 Aquilo que ninguém sente  
 Dilacerado  
 Seu verso é sangue quente.

→

Nosso amor  
 Era semente  
 Que não germinou.

→

Um verso a mais  
 E o poema transborda  
 Um beijo traz  
 Mais do que o coração comporta.

→

Mas quem se importa com a paixão do poeta?  
 Que geme a letra  
 E enfeita  
 A morte  
 Com sua sorte?

→

a dor  
 de ser

→

Há mais filosofia no olhar  
Do que na forma de amar.  
Será?

→

Alterno o belo com o efêmero  
A vida breve com a boemia  
Pois assim é a pura emoção  
Altos e baixos de uma insossa paixão  
Alterno o aqui com todo lugar  
Que sou eterno em meu pensar.

→

Quando será  
Que o mundo descobrirá  
Que eu vivi  
Somente para ti  
Ó Poesia em fogo da solidão  
Acompanhada de incompreensão  
Chama que lembra a partida  
Deleite que consome a vida.

*Rio, 1996.*

Copyright

Uma Linda Mulher*(para C. L.)*

Tantos homens desejam a linda mulher  
Loura, esguia, de cabelos compridos  
Que caem sobre o negro do vestido  
Emoldurando os seios apertados  
Estrategicamente planejados  
Tantos trejeitos e frases de efeito  
Os machos disputam  
Quem será o eleito?  
Ignoram a falsidade, o artifício e o teatral  
Em presença deste corpo escultural  
Tantos homens fantasiam com a linda mulher  
A mão por entre as pernas, um despido sensual  
Aquele grito de prazer premiando a conquista no final  
E ela, impassível, prossegue em sua tarefa insaciável  
A tentativa de contornar o incontornável  
Uma barbie do intelecto representando a autoestima exagerada  
Um talento inexistente numa figura impressionante e ebuliente  
Tantas mulheres que invejam os suspiros que ela inspira  
Deprimidas, talvez, com tamanha abundância gestual  
Será feliz na cama?  
Terá muitos homens ao dispor?  
Como conseguiu ela se impor?  
Perua!  
Exibida!  
Eu quero você toda nua!  
Tantos homens que ignoram suas falhas culturais  
Tão parca inteligência em cabeça tão bem moldada  
A massa cinzenta que vazou e amarelou  
Fios de ovos pendurados, a medusa que é um show  
Há mulheres que nascem na verdade uma buceta  
Onde por acaso crescem-lhe alguns membros ao redor  
Outras há que, mais mulheres, usam melhor sua ampulheta  
O centro da mente que invade o centro da paixão  
Pra depois reverter e voltar a ser razão  
É a diferença entre o desvario do prazer  
E a loucura de saber, de situar o próprio ser  
Tantos homens que não pensam nestas coisas  
Tantos que esquecemos da existência necessária  
Em troca de momentos de sensualidade inscrita berrantemente na irreabilidade  
A mulher é denegrida barbaramente  
Por este tipo de mulher  
Que, coitada, talvez nem saiba o que quer  
Pensa que é o guru do imaginário e da alma masculina  
O poder controlador de toda nossa adrenalina  
E o pior é que consegue  
Não é difícil encontrar um homem que se entregue  
O homem está sempre se entregando  
A mulher, por mais que se entregue,  
Está sempre se guardando

E vamos nós outra vez filosofando  
Nas verdes uvas do desejo e da inveja  
Embora aquele passageiro de uma agonia cultural que faz o macho desejar sem nem bem avaliar  
Minha cara, não seja só um sexo ambulante  
Mais vale ser um cérebro trepante  
Um neurônio excitante  
Tantos homens, porém, que não têm filosofia  
Tanta gente que só tem alegoria  
Você é uma linda mulher, mas será que você pensa?  
Jamais te olharia como minha alma gêmea  
Te olho no intelecto e só vejo uma fêmea.

*Rio, 1996.*

Copyright

Enquanto espero o fogo*(para Joelma, para Vera Reis e para as citações incidentais)*

A música fala de luva  
 E eu me sinto a própria mão  
 Sensualmente entrando pela vida  
 Gozando ou não, não importa  
 O que importa é o fazer, fazer eternamente  
 Repetidamente, incessantemente  
 (Não sei por que a mente me persegue)  
 O mundo confunde minha sensualidade  
 Com o sexo pernóstico  
 Mas eu sou, no fundo e para sempre, um agnóstico  
 Que só acredita no que vê  
 E só sente o que lê  
 Pois que o grande poeta é o exato escritor do interior  
 Contanto que não seja tão óbvio  
 E que tenha o sentimento móvel  
 (Você vê, pessoa, que vou tentando a rima)  
 (E no entanto, deus, recuso-me a ir pra cima)  
 Quem escreve só escreve por catarse  
 Pra dizer das frustrações, pra sublimar as emoções  
 O escritor é um recalçado  
 Que não viveu a fantasia do que lhe inspira a boemia  
 Passa um homem com um saco de carne  
 Fedendo  
 Passa uma criança com a imaginação  
 Ardendo  
 Passa uma mulher, com um homem e seu sexo,  
 Fervendo  
 E ninguém prevê a ambiguidade  
 Talvez por causa da idade  
 Passa o garçom, passa o garagista  
 Passa a humanidade e não passa a conquista  
 Será que um dia vão me interpretar, me dissecar, me avaliar?  
 Me comparar, me exaltar, me destruir?  
 (Valeu, Bob!)  
 Será que alguém vai perceber o meu sentir?  
 Meu carro é sujo, a casa é suja, o ser é sujo  
 E a minha alma se encolhe – um caramujo  
 A mulher gorda, a mulher magra, o ser em chamas  
 O homem velho, o homem novo, ó tu que clamas  
 O perdão da prostituta é o homem de bem  
 (E aliás sou apaixonado pelas putas)  
 O religioso que fode e diz amém  
 Na hipocrisia redundante da sacristia  
 E do além  
 No mas contudo, na repulsa, na desculpa do porém  
 Que todos nós temos a tentação  
 Que todos nós tentamos  
 Mas todos nós amamos  
 Dos gregos aos troianos e baianos

[professora, você errou, mas eu te perdoo  
o meu final, tão comum, foi um esquema  
de rima pobre, me desculpe, um engodo  
a solução, inusitada, de um problema  
e o demais, e o durante e a ideia?  
não foi talvez a tentativa, a utopia  
da palestina arredondada na judeia?]

A menina limpa a mesa com a boneca  
E no seu minivestido já prenuncia a sapeca  
Pois a mulher evoluiu  
Mandou o homem pra puta que o pariu

[a rima foi proposital, professora, uma homenagem à  
imbecilidade masculina do século vinte que não merece  
rima que ateste ser imbecil]

E por isso as janelas se fecham às possibilidades  
Os louros esmorecem no asfalto

[what the fuck does it mean?  
crimson pain at the seam]

Se eu pudesse te dizer, amada minha,  
O que sinto,  
Mesmo que fosse  
Na cabeça do meu pinto  
Sentir-te-ias a mulher cobiçada  
Tentar-te-ia a besta alada  
E não perceber o soneto que te fiz  
Nas linhas sobre  
O que tudo isto diz  
Então é tempo de discorrer sobre os acontecimentos vindouros  
Sobre as folhas que caem, sobre as bermudas que entram  
Sobre a poesia que antecede a discussão do futebol  
Perspicácia de uma aleivosia literária e singela  
Apocopando o ritmo em que o métron se recusa a acreditar  
Determinante torpe  
Ocorrência insossa  
Abrangência infinda do tesão da moça  
Toda a literatura universal  
Possui a incongruência do sangramento mensal  
O filho que não veio  
A paixão que vem do seio  
Acho que você não vem  
Mas também  
Quem mandou acreditar  
Na raiva e vingança de alguém?

Ainda uma loucura*(para HPO, Hilário e Arnaldo)*

Não amigos,  
Ainda não é a hora  
Não sei se teria coragem de me atirar do penhasco  
E resistiria se tentassem me empurrar  
Mas o dia chegará, é inevitável  
O desejo do fim é irrecusável  
A existência se dilui em me consumir de prazer  
E o prazer da existência se consome em minhas horas de trabalho  
Será que vou ser um van gogh da poesia?  
Uma cassandra do verso agoniado?  
Entalado?  
Amo tanto a rima  
A tinta  
Com que se pinta a palavra  
Que é a fotografia escrita do pensar absoluto  
Pois o ser da arte é ousado  
E excitado  
O artista é o ator na tela da imitação do mundo  
E como tal se permite a loucura  
Ainda uma loucura a mais  
Tudo por um momento de poesia desfrutável em sua arte  
Retratável em alguma parte  
Os dias fundem-se nas noites  
E as noites esgotam-se nas manhãs  
Azucrinadas  
Irritadas  
Cansadas e descompensadas  
A vida é um eterno lutar contra a necessidade da labuta  
A procura de um momento onde escrever  
A vã espera de gozar a ilusão de qualquer felicidade  
E nesta idade,  
O conformar-se já fica mais difícil  
As equações do passado  
As perguntas, as metas e as batalhas  
Vão se transformando em invisíveis mortalhas  
Já não existem mais segredos  
São de casa já os medos  
A alegria reina em um universo bem distante  
A agonia sobrepõe-se a qualquer monotonia  
A morte vai se aproximando mais visível de nossa vida  
Apresenta-se na lida  
Na carne carcomida  
A agonia, dizia,  
Vai cheirando a uma tênue mas indisfarçável loucura  
A mesma loucura de sempre  
Ainda uma loucura  
A loucura do jovem é desvario, é ambição  
A loucura do velho é calafrio, é frustração



Não amigos,  
Ainda é só um desejo  
Não tão vago e importuno como antes  
Já se esboça como possível solução de um problema ascendente  
Revestindo-se da vida em sol poente  
Ainda não é certeza absoluta  
É somente uma ideia obstinada  
Não é, decerto, a linha da costura  
É ainda e só uma loucura.

*Rio, 1996.*

Copyright

Sentido Mudo*(para V. B.)*

Vera  
São tantas e no entanto é só uma  
A amizade é um pólen fatal  
Na verdade, um veneno mortal  
E é tanto a dizer  
O mundo inteiro ainda por fazer  
A distância, o exagero, a discussão  
A constância, o esmero, a proteção  
Divagar abertamente sobre o fraternal espírito que une os seres humanos  
Pode gerar sérios enganos  
Mas a verdade é uma só  
São muitas letras que dizem tudo  
As rimas e a poesia com seu sentido mudo  
Assim como a laranja entre as laranjas  
Que mata a nossa sede  
Às vezes a inspiração do poeta é confusa  
Sua obra se distorce em linha obtusa  
O lá e cá da arte pode ser no fundo a sua essência  
A resposta ao questionar da existência  
Quem ama não esquece  
Mesmo quando a respiração fenece  
No dizer escrito vai a mensagem interior  
Que a voz às vezes tem vergonha ou medo de levar  
Vai o falar apaixonado, revoltado ou ponderado  
A certeza do amigo já diz tudo  
E um no outro rimando com seu sentido mudo.

*Rio, 1996.*

Ode aos Impressionistas

Arte  
Abusada  
- levanta a saia dela! -  
Recusa-se a ser  
Bem comportada

*Rio, 1996.*

Copyright

A lágrima do vinho e da poesia

A noite se fez verso  
Na mente do poeta  
O vinho consagrou  
A mulher abençoou  
E de inspiração orvalhada pela janela enluarada  
Nasceu mais uma palavra intuída  
Sentida  
Aprendida e sofrida  
Pois sofrer é viver no limite do desejo  
E o desejo é a razão da incumbência de viver  
Viver na espera e na certeza de morrer  
Sem se entregar  
Sem jamais desfalecer  
É o falido que não perde a imponência  
É o bêbado jurando abstinência  
Viver é o que importa  
Seja a hora alegre ou triste  
Seja a linha reta ou torta  
Contanto que sempre pingue uma lágrima salgada no papel  
Que deixa sua marca  
A prova do coração, da energia em tropel  
A centelha, o gás e o vapor  
O questionar e retratar com ardor  
Que é do artista seu mais caro e necessário troféu.

*Rio, 1996.*

FEMINAE

Conheci uma mulher  
Mas ela não me quer  
Talvez porque eu sou pobre  
Talvez porque eu sou rico  
E assim se vai vivendo  
Às vezes somos vale  
Outras vezes somos pico.

*Rio, 1996.*

Copyright

**AMORES**

Enredado  
Usado  
Abandonado

Desejado  
Cortejado  
Abençoado

Desposado  
Enforcado  
Apedrejado

Enfeitiçado  
Abobado  
Desfrutado

Calejado  
Renegado  
Enlutado

Desregrado  
Embebedado  
Recuperado

Enojado  
Acovardado  
Enxovalhado

Obcecado  
Devorado  
Realizado

Apaixonado  
Retribuído  
Eternizado.

Copyright

Saia justa

Se fosse mulher, seria puta  
De saia excitantemente curta  
Compraria um enxoval  
Com o desejo do mortal  
E seria apaixonada  
Pela noite incendiada  
E amaria o meu homem como se ele fosse único  
Seria outras longe dele  
Seria eu mesma para ele.

*Rio, 1996.*

Copyright

Medo Infundado

As mulheres têm medo da puta  
Protegem seus maridos  
Em seus braços combalidos  
Porque ela é ela mesma  
Ela não põe mesa, deita-se nela  
Ela não finge ser pura, é uma bela cadela  
As mulheres têm medo da puta  
Porque entendem no fundo sua luta  
Querem ser o que ela é  
Dão a face, mas não conseguem dar o pé  
A puta, já por sê-lo, liberou o seu desejo  
E em o sendo, libera os desejos do parceiro  
A puta não é pura, a puta não esconde o sentimento  
A puta não tem medo  
Seja tarde ou seja cedo  
Ela é o agora  
O amor de toda hora  
E no entanto, apaixonou-se, mais do que outra qualquer  
No fundo é sincera e mais honesta  
A puta em fim de contas é mais gente e mais mulher.

*Rio, 1996.*

Copyright



CARPE VITAM

Não quero saber de palavras jogadas ao vento  
Nem de amores saboreados ao relento  
Quero verdades e o tribunal de uma só razão  
Não me interessa a eternidade de um romance  
E sim a intensidade eterna de um momento de paixão  
O amor que é sincero abdicar  
Deixando o ser eternamente se inflamar  
Chega, não quero saber de mim e de você e de vocês  
Que você e vocês dentro de mim  
Basta de agruras  
Vamos fazer mais travessuras  
Sair gritando pelas ruas  
Tomar banho nus em plena chuva  
Cantar para a amada na janela  
E buzinar ou então bater panela  
Deixemos de pós-neo-contra-ex-revolução  
Chegou a hora de rimar nuvem e tição  
Quero vestidos levantados  
E shorts arriados  
Quero amores verdadeiros  
Em meio a pensamentos desordeiros  
Precisamos ser nós mesmos um minuto  
Sem pagar ao analista seu tributo  
Quero ser de mim o meu carrasco  
Preciso ser racional e galhofeiro  
O meu guru, meu repressor e conselheiro  
Quero me ver em ti  
E sentir você em mim  
(Que se danem os pronomes!)  
Estar presente em tua loucura  
De gostar que eu também seja louco assim  
É preciso libertar  
Desamarrar  
Desorientar  
É necessário atacar  
Comemorar  
Desesperar  
Quero liderar o movimento da poesia redentora  
Da negação a esta vida repressora  
A rima é antiga  
Mas é amiga  
Vamos lá  
A vida não pode se acabar  
Sem se corar  
A poesia é o samba das palavras  
Emoldurando o pensamento mais profundo  
Sejamos todos os artistas de nós mesmos  
Os poetas de um novo e belo mundo

Não quero saber da pregação dos evangelhos  
Nem do medo de que vamos ficar velhos  
Quero morder a vida  
E cuspir os caroços de toda resistência  
Sem qualquer interferência  
Canto a vida, os fatos, os prazeres e os amores  
Faço verso da alegria, da tristeza e dos temores  
A vida está nos bares  
Nas calçadas e nas casas  
A vida é de nós que temos asas  
A vida se faz vida quando entregamos corpo e mente  
É a nova era do ser que pensa e também sente.

*Rio, 1996.*

Copyright

Me permita...*(para Vanda)*

Você me excita  
E me evita  
Você me excita  
E me irrita  
Você me excita  
E me levita  
Você me excita  
E me agita  
Você me excita  
E me habilita  
Você me excita  
E é bonita  
Você me excita  
E é maldita  
Você me excita  
E me medita  
Você me excita  
Minha desdita bendita  
Você me excita  
Catita, cabrita  
Você me excita  
E me recita  
Você me excita  
E me explicita  
Você me excita  
E me fita, aflita  
Você se excita  
E se conflita  
Você se excita  
Admita.

*Rio, 1996.*

Trechos de um grande poema

De tanto ouvir  
Fiquei com o ouvido skankarado.  
Que bom.

→

O problema  
É que não olho as pessoas,  
Olho os seres.  
Deixa pra lá;  
Vai dar muito trabalho.

→

Sou sensível sim,  
E daí?!  
Mas você,  
Que é bom,  
Continua lá.  
E eu aqui.

→

Quero uma mulher que me diga  
Vou te amar para sempre  
Jamais te trair  
E nunca sair  
Da tua vida  
E eu juro  
Que serei  
A tua praga de amor enternecida.

→

No amor de fato  
A paixão resiste  
Um dia ou um ano  
O 1º impulso subsiste  
O grude do amor verdadeiro  
Quem sabe o primeiro  
Mas por certo o derradeiro  
Não um mero amor corriqueiro  
Mas aquele olhar  
Eternamente certo.